



ADIMB

**Agência para o Desenvolvimento e
Inovação do Setor Mineral Brasileiro**

Clipping n° 15/2022

**O conteúdo das matérias é de inteira
responsabilidade
dos meios de origem.**

25 de maio de 2022

CURSOS ADIMB 2022

#CursosADIMB

TIPOS E TÉCNICAS DE SONDAGENS NA PESQUISA MINERAL

INSCRIÇÕES ABERTAS!



CURSO PRESENCIAL



06 A 10 DE JUNHO



 **ADIMB**
Agência para o Desenvolvimento e
Inovação do Setor Mineral Brasileiro

INSCRIÇÕES EM: <http://adimb.org.br/cursos2022/>

Chile quer impulsionar fundição de cobre sem ferir metas verdes

O Chile, maior produtor mundial de cobre, busca reforçar sua capacidade de fundição doméstica através de parcerias público-privadas, com investimentos em usinas estatais e novas tecnologias. O novo governo do presidente Gabriel Boric trabalha em um projeto para atualizar a planta de Paipote, administrada pela estatal Enami, e está interessado em modernizar outras fundições construídas décadas atrás, disse a ministra de Minas, Marcela Hernando, em entrevista. O “ideal” seria o Chile investir em suas sete usinas atuais, disse.

É a mais recente tentativa de um grande produtor de matérias-primas de extrair mais valor na cadeia produtiva em um momento em que a pandemia e a guerra na Ucrânia aceleram a fragmentação dos laços comerciais tradicionais e estimulam esforços para fomentar indústrias locais, especialmente aquelas envolvidas na transição para energias mais limpas.

Um dos argumentos para exportar menos concentrado de cobre semiprocessado e mais metal refinado é a economia em transporte — tanto financeira quanto ambiental. Mas impulsionar o processamento local também significa grandes investimentos e mais uso de energia e emissões. Fazer isso longe dos centros de demanda da Ásia e da Europa também pode ser um desafio, especialmente porque a China tem bastante capacidade ociosa.

“Temos que fortalecer a capacidade de fundição do nosso país e, com isso, estamos falando de industrialização, mas sustentável e sem negligenciar nossa ambiciosa meta de neutralidade de carbono”, disse a ministra.

O governo, que assumiu em março, explora outras iniciativas para extrair mais metal de resíduos. Possíveis parcerias público-privadas apoiariam as iniciativas de pesquisa e desenvolvimento existentes, bem como os esforços para introduzir tecnologia que já existe em outras partes do mundo, disse ela. As mineradoras têm demorado a investir em pesquisa e desenvolvimento no Chile, concentrando seus esforços no exterior, disse Marcela. Como resultado, o Estado deve desempenhar um papel para acelerar os gastos, por exemplo, através da criação de uma empresa nacional de lítio que lidere em práticas ambientais, disse ela.

O Chile também discute com Argentina e Bolívia sobre formas de agregar valor às suas indústrias de mineração, particularmente de lítio, com o México, recentemente, se juntando às negociações, disse a ministra.

Fonte: Valor Econômico

Data: 24/05/2022

Como a mineração de asteroides pode atender demanda da Terra por recursos

"Eles basicamente se agarram ao asteroide com toda força do mundo enquanto cruza o sistema solar".

Mitch Hunter-Scullion está descrevendo um robô de seis pernas chamado Scar-e (Space Capable Asteroid Robotic Explorer), que ele pretende enviar a um asteroide para perfurar e buscar metais preciosos como ferro, níquel e platina.

Além de serem cada vez mais essenciais para criar telefones, laptops e carros, alguns metais como a platina também serão necessários para ajudar a produzir hidrogênio à medida que fazemos a transição para uma energia mais verde.

Com suprimento limitado desses minérios na Terra, há uma procura cada vez maior no espaço para atender a essa demanda.

É aí que entra o Scar-e. Sua garra poderosa, projetada em parceria com a Universidade de Tohoku, no Japão, precisa se agarrar a um asteroide no espaço antes que ele flutue para longe.

Foi inspirado na forma como as tarântulas se penduram nas paredes. "Eles se agarram ao lado do asteroide enquanto ele avança pelo sistema solar".

"Tenho pavor de aranhas", diz Mitch, "então achei que era bastante apropriado."

Mitch é o fundador da Asteroid Mining Corporation (AMC). Ele admite que realizar tal façanha ainda está longe de acontecer.

Não apenas envolveria o pouso de robôs em uma rocha, mas também a construção remota de infraestrutura de mineração e, de alguma forma, enviar os materiais de volta à Terra. Mas é fácil ver por que ele e outros querem tentar.

Uma nova corrida pelo ouro (ou platina)?

Os asteroides são feitos do mesmo material que o resto dos planetas rochosos em nosso sistema solar - e isso significa que eles também são ricos em alguns minerais preciosos que tanto procuramos aqui na Terra.

Encontrar grandes depósitos de platina em um asteroide, por exemplo, diz Mitch, "permitiria que a humanidade começasse a inovar de uma maneira que não fazemos há muito tempo".

Obter recursos de asteroides apresenta um desafio diferente de obtê-los na Terra, segundo o professor John Bridges, um cientista da Universidade de Leicester envolvido na missão Hayabusa2.

Isso ocorre porque essas pequenas rochas espaciais não passaram pelos mesmos processos geológicos que seus primos terrestres.

"Eles não passaram por derretimento, vulcanismo e formação de montanhas, que acabam por concentrar alguns dos elementos em partes específicas da crosta. Então é por isso que na Terra podemos ter uma mina [em um determinado lugar] para extrair elementos de terra rara."

Em um asteroide, "todos os elementos ainda estarão lá", diz ele, "mas eles apenas estarão espalhados. A natureza não teve a chance de concentrá-los em veios de minério, por exemplo".

E isso significa que os mineradores de asteroides teriam que processar uma enorme quantidade de material para a empreitada valer a pena.

O professor Bridges acredita que a mineração espacial comercial é uma "área fascinante", mas duvida que resolverá o problema de recursos do mundo.

O truque, diz Mitch, será encontrar o asteroide certo. E é aí que entram a especialista Natasha Stephen e seu microscópio eletrônico.

A rocha que caiu na Terra

Nunca pensei que tocaria um pedaço da Lua, mas é isso que está na minha mão no Centro de Microscopia Eletrônica de Plymouth, uma cidade na Inglaterra.

É um pequeno pedaço de meteorito que caiu na Terra no deserto do Saara e foi identificado como um fragmento de rocha lunar lançado ao espaço após um impacto na superfície lunar.



Muitos meteoritos não vêm da Lua, mas de asteroides, e Natasha está usando o microscópio eletrônico para catalogar os elementos contidos neles.

Enquanto a caçada por meteoritos continua, agora o alvo vai para os "asteroides-pais", que são ricos nos elementos buscados.

"Se encontrarmos uma concentração de platina em um de nossos meteoritos", ela explica, "podemos dizer ao pessoal da AMC... 'Agora é com vocês. Vá e encontre esse tipo de asteroide nos dados'."

Quem é o dono do espaço?

Uma vez que um asteroide promissor tenha sido identificado, porém, há a complicada questão de descobrir a quem ele pertence.

Dhara Patel, do Centro Espacial Nacional do Reino Unido, explica que quando se trata de esclarecer questões de propriedade, a lei espacial não é adequada.

Nada ainda foi definido sobre se uma nação ou empresa pode reivindicar a propriedade de um asteroide, partes da Lua ou as riquezas que se encontram abaixo da superfície.

E quando as recompensas podem chegar a trilhões de dólares, é fácil ver como disputas, batalhas legais e até mesmo guerras reais podem ocorrer.

Em 1966, a ONU (Organização das Nações Unidas) elaborou o Tratado do Espaço Exterior, que tentou definir o que seria mau uso do espaço. O documento foi assinado por mais de 100 países.

"O Tratado do Espaço Exterior diz que 'o espaço é uma área de interesse especial de toda a humanidade'. O problema é que faltam detalhes", diz Dhara.

"Estamos usando um tratado que foi formado há mais de 50 anos, e a exploração espacial se desenvolveu muito desde então."

A Nasa, agora planejando um retorno à Lua, elaborou os Acordos Artemis - um conjunto mais detalhado de princípios focados na exploração da Lua, Marte e outros corpos celestes.

Mas o documento ainda é vago caso uma empresa ou nação reivindique a propriedade dos recursos extraídos.

Vários países assinaram os Acordos Artemis, mas Dhara acredita que precisamos de uma abordagem global.

"Provavelmente começa com a ONU como base, garantindo que as políticas que implementamos estejam em nível internacional".

Mitch está confiante, no entanto, que sob os princípios existentes, existem regras existentes que protegem os primeiros mineradores.

"Quem chegar primeiro terá prioridade."

Então, quem chega primeiro, recebe primeiro, basicamente. Podemos ter aquela velha corrida do ouro.

Tudo isso está, é claro, a décadas de distância da realidade, e se serão empreendedores como Mitch, megabilionários como Elon Musk ou nações inteiras que acabarão se tornando os grandes mineradores ainda é uma incógnita.

Fonte: G1

Data: 22/05/2022



Metais: ouro fecha em alta, estimulado por queda do dólar

O contrato mais líquido do ouro fechou em alta hoje, em uma sessão na qual os rendimentos dos Treasuries recuam, em um cenário de aversão a risco em grande parte impulsionado por preocupações econômicas nos Estados Unidos, incluindo o ambiente empresarial. Além disso, o dólar+0,14%, moeda na qual o metal é cotado, recua, impulsionando os preços.

As perspectivas para alta de juros em outros bancos centrais para além do Federal Reserve (Fed) seguem pressionando o ativo americano. Na Comex, divisão de metais da New York Mercantile Exchange (Nymex), o ouro com entrega prevista para junho encerrou a sessão em alta de 0,95%, a US\$ 1.865,4 a onça-troy.

“Os preços do ouro estão subindo à medida que os rendimentos do Treasuries caem após uma onda de aversão ao risco que resultou de lucros decepcionantes e deterioração dos dados econômicos dos EUA”, aponta o Commerzbank. O ouro sem juros é um porto seguro novamente e pode estar à beira de uma grande quebra se os preços puderem recapturar o nível de US\$ 1885 a onça-troy, avalia o banco alemão.

“Um pico nos rendimentos do Treasuries está em vigor e agora o dólar parece estar pronto para uma retração, já que o Banco Central Europeu (BCE) está pronto para aumentar as taxas, o que é uma boa notícia para o euro”, analisa.

O ouro deve permanecer apoiado à medida que as pressões inflacionárias pesam ainda mais, a situação da covid-19 na China permanece uma grande incógnita e as empresas americanas continuam reduzindo as perspectivas, projeta o Commerzbank.

Em levantamento, a S&P Global prevê que a oferta global de mineração de ouro aumente aproximadamente 4,6% ano a ano em 2022. Sua perspectiva de preço do ouro para o curto prazo é flutuar em torno de US\$ 1.900 a onça-troy devido às incertezas geopolíticas e macroeconômicas atuais.

À medida que as taxas de juros sobem, esperamos que os preços fiquem em média em torno de US\$ 1.825 até o final de 2022 antes de encerrar os próximos cinco anos mais próximo de US\$ 1.700, conclui.

Fonte: E | Investidor

Data: 24/05/2022

Futuros de minério saltam 4,4% após Índia elevar tarifas de exportação

O minério de ferro iniciou a semana em forte alta no mercado chinês, após a Índia ter elevado as tarifas de exportação da matéria-prima e de diferentes produtos siderúrgicos, num esforço para conter a pressão inflacionária no mercado interno.

Embora menos relevante que Austrália e Brasil, a Índia é importante fornecedora de minério de ferro ao mercado chinês. Enquanto as tarifas nos embarques de finos de minério foram elevadas de 30% para 50%, em pelotas o aumento foi de zero para 45%, segundo a S&P Global Commodity Insights. Na Bolsa de Commodity de Dalian (DCE), os contratos mais negociados, para entrega em setembro, avançaram 4,41%, para US\$ 863,50 yuan por tonelada.

Um produtor de pelotas indiano disse à S&P que as exportações devem cessar em razão do alto custo. “Com o excesso de capacidade, as usinas de pelotização podem fechar. O mercado interno indiano não poderá atender à oferta extra originalmente destinada às exportações. Os preços do minério de ferro na Índia cairão e as usinas de pelotização serão fechadas para não produzir com prejuízo”, indicou a fonte à agência.

Fonte: Valor Econômico

Data: 23/05/2022

AGÊNCIA  MINAS

Avaliação Ambiental Estratégica para o Minério de Ferro é inédita em Minas Gerais

Estudo conduzido pelo Governo de Minas irá planejar e avaliar procedimentos relacionados ao desenvolvimento sustentável da mineração de ferro no estado

ícone de compartilhamento

A Secretaria de Estado de Desenvolvimento Econômico (Sede-MG), por meio da Superintendência de Política Minerária, Energética e Logística (SPMEL), e apoio da Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável (Semad), promoverá a Avaliação Ambiental Estratégica (AAE) para o Minério de Ferro, iniciativa inédita na Sede-MG, pautada em ações de economia sustentável no estado. Cabe ressaltar que a AAE foi um dos projetos selecionados e contemplados com os recursos financeiros das medidas de reparação aos danos ambientais pelo rompimento da barragem da Mina Córrego do Feijão, em Brumadinho, Região Metropolitana de Belo Horizonte.

A elaboração da avaliação irá durar aproximadamente dois anos, período em que a AAE poderá prover um conjunto de ações que permita antecipar, planejar e avaliar procedimentos relacionados ao desenvolvimento sustentável da mineração de ferro, em escala macro, considerando objetivos estratégicos de longo prazo e definindo a visão de futuro desejável para o setor.

Para a diretora de Mineração da Sede-MG, Maria Eugênia Monteiro, o estudo abrangerá o setor de exploração de minério de ferro no estado como um todo, sem individualizar municípios, empresas ou complexos minerários. Além disso, a construção da AAE poderá auxiliar na proposição de normas que têm como objetivo oferecer maior sustentabilidade para o setor no estado.

Políticas públicas

“A Sede-MG vem atuando no sentido de consolidar informações e identificar diretrizes e ações que orientem a forma pela qual a atividade minerária deve ser conduzida em Minas Gerais, sob a ótica do setor público, privado e demais agentes envolvidos. Assim, o estabelecimento de diretrizes para o desenvolvimento de políticas públicas deve ser adotado para fortalecer e manter a mineração como uma atividade relevante para a economia do estado, de maneira social e ambientalmente responsável, considerando o planejamento de longo prazo, com foco na geração de emprego e renda para a população mineira”, afirma a diretora, acrescentando que essas questões também serão tratadas no Plano Estadual de Mineração de Minas Gerais (PEM -MG), que será elaborado por empresa a ser contratada pela Sede-MG.

Transparência nos processos

Cabe salientar que um dos pressupostos do estudo é o quesito transparência, principal queixa de comunidades que convivem em áreas que são mineradas em Minas Gerais, uma vez que assegura a participação de todos os envolvidos, por meio de diálogos, promovendo decisões integradas e considerando pontos de vista relevantes, aprimorando a governança do processo. Dessa maneira, a AAE acrescenta valor à tomada de decisão, previne conflitos e pode contribuir para reforçar o compromisso com o desenvolvimento sustentável.

Uma primeira reunião entre os órgãos envolvidos e a empresa de consultoria já está agendada, prevendo ainda treinamento. De acordo com a pesquisadora da Diretoria de Mineração, Valéria Lúcia de Oliveira Freitas, a AAE para o Minério de Ferro prevê a realização de oito oficinas em três diferentes regiões de Minas Gerais, compreendendo também processos em níveis distintos, como é o caso da Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), e os municípios de Conceição do Mato Dentro, região Central de Minas, e de Nova Aurora, Nordeste de Minas.

Por ser considerada de natureza estratégica, a AAE apresenta outras características importantes, entre elas, a flexibilidade em relação ao processo de decisão, o foco nos aspectos críticos (ambientais, sociais, econômicos e institucionais), a avaliação das oportunidades e riscos ambientais e de sustentabilidade das ações estratégicas e a motivação da participação ativa dos agentes interessados.

Fonte: Agência Minas

Data: 23/05/2022

MS arrecada R\$ 3,2 milhões em compensação de produtos minerais destinados à construção civil

Mato Grosso do Sul arrecadou R\$ 3,2 milhões em CFEM (Contribuição Financeira de Exploração Mineral) provenientes de produtor minerais usados na construção civil, como calcários, pedra britada e areias. Os valores são de 2021.

Entre os produtos se destacam a pedra britada, o cascalho e as areias naturais ou obtidas por moagem de rocha, além das argilas e dos substitutivos como resíduos inertes reciclados, escórias de aciaria, produtos industriais, entre outros.

Este setor é o segmento da indústria mineral que comporta o maior número de empresas e trabalhadores e o único a existir em todos os estados brasileiros.

Segundo o Eduardo Pereira, secretário executivo da Cadeia Produtiva Mineral do Estado e Presidente do Conselho Estadual do Trabalho, o segmento mineral gera atualmente 2.940 postos de trabalho direto e outros 1.600 empregos indiretos, conforme dados oficiais do CAGED no Estado.

Principais municípios

Em média o Estado arrecadou R\$ 3,2 milhões de CFEM em 2021, oriundos da extração de brita de Calcários (Serra do Bodoquena) e basaltos (Formação Serra Geral) e areias dos Rios Paraná, Aquidauana, Dourados e Paraguai. Os municípios produtores são Bela Vista, Bonito, Bodoquena, Campo Grande, Dourados, Itaporã, Três Lagoas, Bataguassu, Anastácio, Corumbá, Amambai, Naviraí, Mundo Novo, Miranda, Brasilândia, Paranaíba, Aparecida do Taboado e Costa Rica.

Fonte: Midiamax

Data: 23/05/2022



Novo projeto no litoral sul da Bahia

A empresa de mineração de urânio Energy Fuels, com sede nos EUA, está comprando 17 concessões minerais entre as cidades de Prado e Caravelas, na Bahia.

O valor total chegará a US\$ 27,5 milhões (R\$ 134 milhões), abrangendo 15.089,71 hectares e envolve quantidades significativas de minerais pesados, incluindo monazita, que alimentarão a cadeia de fornecimento de elementos de terras raras da Energy Fuels, nos EUA.

O projeto é um conhecido depósito de areia mineral pesada com mais de 3.300 perfurações, indicando concentrações significativas de titânio (ilmenita e rutilo), zircônio (zircão) e elementos de terras raras (monazita).

O projeto tem potencial para fornecer cerca de 3.000-10.000 toneladas por ano de concentrado de areia de monazita (dependendo das taxas de produção), juntamente com 1.500-5.000 toneladas de óxidos de terras raras totais por ano, potencialmente por décadas.

A mineralização é superficial, o que significa que o material deve ser relativamente fácil de recuperar usando técnicas padrão de mineração de areia de baixo custo, incluindo o uso de pás carregadeiras, escavadeiras ou dragas.

Devido ao método de sondagem utilizado, as perfurações realizadas até o momento atingem a profundidade média de apenas 5,86m, ou a profundidade média do lençol freático da região, e a empresa acredita que a mineralização está aberta em profundidade.

O principal interesse da Energy Fuels é a monazita, que contém elementos de terras raras e urânio. Dados de ensaios preliminares indicam que a areia de monazita contida no concentrado de HMS varia entre 0,62% e 12,82%, e espera-se que o urânio contido na monazita seja comparável aos depósitos de urânio típicos do planalto do Colorado.

A empresa planeja concluir uma avaliação econômica preliminar durante o final do primeiro trimestre ou início do segundo trimestre de 2023.

Fonte: Brasil Mineral

Data: 20/05/2022



Nexa e Artemis Project formalizam parceria para fomentar inovação e diversidade com maior participação de mulheres empreendedoras na mineração

A Nexa, uma das maiores mineradoras de zinco do mundo, é a primeira International Based Sponsor Partner do Artemis Project com sede no Brasil. Essa parceria é um importante passo para alavancar a equidade de gênero no setor de mineração. O Artemis Project é uma iniciativa da aceleradora canadense Women on the Move, que expandiu operações para o Brasil há um ano, e tem como objetivo fomentar uma maior participação de mulheres empreendedoras como fornecedoras na mineração, trazendo mais inovação e diversidade para a indústria. A Nexa irá colaborar com empresas associadas à rede do Artemis Project globalmente, tendo acesso a negócios e soluções inovadoras e sustentáveis para aumentar a diversidade em sua cadeia de fornecedores.

“Estamos muito felizes em contar com a participação da Nexa como sponsor do Artemis Project no Brasil”, destaca a co-fundadora do Artemis Project e CEO da aceleradora Women on the Move, Heather Gamble. “Esta é uma grande demonstração de como podemos trabalhar juntos, a milhas de distância, com suporte a mulheres empreendedoras e trazendo mais diversidade, inovação e sustentabilidade para a indústria de mineração mundialmente”, destaca Gamble. “Selecionamos empreendedoras brasileiras para expandir o projeto que já é referência no Canadá desde 2018”, enfatiza. Além do Brasil, a iniciativa também está em expansão para outros mercados, como Chile e outros países da América Latina.

A Gerente Geral de Desenvolvimento Humano e Organizacional da Nexa, Livia Monteiro, destaca: “A parceria com a Artemis reforça o nosso compromisso com a equidade de gênero. Vamos seguir apoiando e incentivando o desenvolvimento das empresas lideradas por mulheres e as associadas a Artemis.” A associação com a Artemis é mais uma iniciativa que se soma ao forte trabalho em empoderamento feminino e equidade de gênero que a Nexa já vem realizando em conjunto com a Women in Mining no Brasil e no Peru. “Temos certeza de que vamos colher muitos frutos na Nexa e no setor da mineração com mais essa parceria de sucesso”, afirma Monteiro.

Sobre o Artemis Project

O Artemis Project é a primeira iniciativa global que reúne negócios liderados por mulheres empreendedoras para conectar soluções inovadoras e sustentáveis para o setor de mineração. Liderado pela aceleradora canadense Women on the Move, o projeto criado no Canadá em 2018 completa um ano de expansão para o Brasil. Em 2021, Heather Gamble, CEO e co-fundadora do Artemis Project, foi reconhecida entre os 50 líderes Changemakers no Canadá no prêmio 2021 Business Changemakers Award, pelo The Globe and Mail, principal jornal do país.

O Artemis Project envolve atualmente mais de 80 empreendedoras que já executam contratos internacionais com empresas de mineração que operam em várias regiões. A expansão do Artemis Project busca maior impacto internacional, auxiliando mulheres empreendedoras em vários países, incluindo o Brasil, a expandirem os seus negócios e a definirem uma rede global de sucesso, em que o empreendedorismo feminino seja símbolo de qualidade técnica na execução, conhecimento e inovação.

Fonte: Ibram

Data: 23/05/2022

Startup pretende substituir níquel e cobalto por manganês em baterias

A startup Morrow Batteries, recém-financiada pela ABB e pela Siemens, quer começar a produzir baterias a base de manganês até o fim de 2023, na Noruega, seu país sede. De acordo com a empresa, a fabricação das baterias será transferida para a nova fábrica instalada em Arendal, na costa sul da Noruega.

Segundo Terje Andersen, executivo-chefe da empresa, a Morrow está planejando desenvolver uma bateria que não use cobalto e que use pouco níquel. Isso porque há uma escassez mundial de cobalto e de níquel que ameaça os preços das baterias de carros elétricos:

“Vamos substituir o níquel e o cobalto por manganês. É isso que os produtores de veículos elétricos têm grande interesse em discutir conosco”, disse Andersen.

Crise energética na Europa

A iniciativa vai de encontro ao objetivo estratégico na Europa de resolver a crise energética devido ao declínio no fornecimento de gás russo.

De acordo com a startup, os € 100 milhões (cerca de R\$ 512 milhões) arrecadados recentemente com o conglomerado de energia ABB e com o grupo industrial alemão Siemens, serão usados para construir uma fábrica-piloto de 1,2 GW até o fim de 2023. A instalação vai produzir baterias para uso em sistemas e armazenamento de energia, como painéis solares.

Segundo Andersen, a produção inicial permitirá que a companhia obtenha certificação para produzir baterias para veículos elétricos, que deve se tornar o principal mercado da Morrow.

Conforme destacou Andersen, a Morrow está de dois a três anos atrás das rivais maiores, como a Northvolt. Apesar disso, ele afirma que a Morrow está entre as 30% maiores empresas de baterias da Europa.

A arrecadação de quase meio bilhão de reais pela Morrow Batteries teve como investidor principal a Siemens Financial Services, subsidiária do grupo industrial alemão, e a ABB. Também participaram da rodada a Nysnø Climate Investments, do Estado norueguês, e a Arendals Fossekompni, empresa hidrelétrica.

Fonte: Minera Brasil

Data: 24/05/2022

Procedimentos para projetos de mineroduto

O Ministério de Minas e Energia (MME) publicou Portaria Normativa nº44/GM/MME/2022, que atualiza os procedimentos para enquadramento de projetos de minerodutos no Regime Especial de Incentivos para o Desenvolvimento da Infraestrutura (REIDI). A integração dos minerodutos no REIDI suspende a incidência das contribuições para o Programa de Integração Social (PIS) e a Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social (Cofins). Com isso, a medida promove custos finais competitivos de transporte e potencial redução no preço de mercadorias e serviços, além da geração de empregos diretos e indiretos.

Os minerodutos são uma alternativa à atual limitação da infraestrutura do transporte de cargas, o que evita a sobrecarga e deterioração das rodovias, além de oferecer vantagens à eficiência energética, em termos de potência por tonelada transportada. Os dutos também promovem a redução do consumo de combustíveis fósseis e a emissão de gases de efeitos estufa.

Desde 2009, o MME enquadra projetos de minerodutos para habilitação no REIDI, o que suspende a incidência das contribuições para o PIS, de 1,65%, e a Cofins, de 7,6%, sobre as receitas decorrentes das aquisições destinadas à utilização ou incorporação em obras de infraestrutura destinadas ao seu ativo imobilizado. Segundo o Departamento de Transformação e Tecnologia Mineral (DTTM) da Secretaria de Geologia, Mineração e Transformação Mineral (SGM) do MME, em 2021, aproximadamente 8% da produção de minério de ferro e 30% da produção de bauxita foram transportadas por minerodutos enquadrados no REIDI.

A Portaria determina que o requerimento de enquadramento será apresentado à Agência Nacional de Mineração (ANM) para análise da adequação da solicitação aos termos da legislação aplicável ao REIDI, assim como a conformidade dos documentos apresentados. O processo de enquadramento de projeto de mineroduto se inicia com o preenchimento do formulário eletrônico do SREIDI-MIN. O REIDI é uma política pública de incentivo direto às empresas que tenham projetos aprovados para implantação de obras de infraestrutura nos setores de transportes, portos, energia, saneamento básico e irrigação. Para dar transparência ao REIDI, o MME disponibilizou o Sistema de Regime Especial de Incentivo para o Desenvolvimento da Infraestrutura de Mineroduto (SREIDI-MIN). A Portaria pode ser acessada no <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=05/05/2022&jornal=515&pagina=94&totalArquivos=231>, enquanto o formulário eletrônico SREIDI-MIN está disponível no <https://www.mme.gov.br/sreidimin/#/login>.

Fonte: Brasil Mineral

Data: 24/05/2022

Horizonte Minerals begins work at Brazilian nickel project

UK-based Horizonte Minerals has started construction on its Araguaia nickel project located south of the Carajás Mining District in the Pará State, northern Brazil.

Estimated to cost \$443m, the project has a 24-month construction timeframe.

The first phase of the project is expected to produce 14,500 tonnes per annum (tpa) of nickel.

Following the second phase expansion, the project's production is expected to double to 29,000tpa of nickel.

According to a feasibility study, the Araguaia project is a large high-grade scalable resource, as well as a low-cost ferronickel source that will have a long operational life.

Horizonte Minerals CEO Jeremy Martin said: "We are a step closer to achieving our vision of bringing this project into production and generating first revenues. This all comes at a time where the nickel market is facing constrained supply, which will benefit Horizonte as we become a globally significant producer.

"Our team have made excellent progress on the key aspects of engineering, procurement and site works. Whilst we are facing inflationary pressures along with all other global projects, to date we have been able to award approximately 50% of our pre contingency project direct capex on budget, which is a very positive result."

Horizonte Minerals also awarded contracts for the majority of the main long-lead equipment for the project.

These include the awarding of the furnace contract; earthworks contract; and the engineering, procurement, and construction management (EPCM) contract.

By the end of last month, Horizonte Minerals awarded contracts worth \$204m in total. Additional \$66m worth of contracts are planned to be awarded imminently, the firm said.

Fonte: Mining Technology

Data: 23/05/2022

Americas' oldest mine now identified

Recent archaeological excavations have confirmed that an ancient mine in eastern Wyoming was used by humans to produce red ocher beginning nearly 13,000 years ago. According to the researchers behind the discovery, this makes the Powars II site at Sunrise in Platte County the oldest documented red ocher mine—and likely the oldest known mine of any sort—in all the Americas.

The excavations confirmed theories advanced by famed University of Wyoming archaeologist George Frison, which stem from research he began at the site in 1986. “We have unequivocal evidence for use of this site by early Paleoindians as long as 12,840 years ago and continuing by early Americans for about 1,000 years,” Spencer Pelton, lead author of the paper that documents these findings, said in a media statement.

“It’s gratifying that we were finally able to confirm the significance of the Powars II site after decades of work by so many, including Dr. Frison, who learned of the site in the early 1980s and was involved in the research until his death.”

Red ocher, also known as hematite, fulfilled a wide range of functions in Paleoindian societies, including as a pigment in rituals. It has been found at ancient graves, caches, campsites and kill sites in the Great Plains, the Rocky Mountains and beyond. The Powars II site is the only red ocher quarry identified in the North American archaeological record north of southern Mexico—and one of only five such quarries identified in all of the Americas.

Among the artifacts previously discovered at the Powars II site are Clovis points—believed to be from the first inhabitants of North America—along with other projectile points, tools and shell beads.

Ocher was likely exported

The 2017-2020 excavation led by Pelton—a 6- by 1-meter trench bisecting a previously undocumented quarry feature—yielded several thousand more Paleoindian artifacts, along with many well-preserved animal bones and antlers, the latter used to extract the red ocher in the quarry.

The projectile points come from numerous locations in the region, including from as far away as the Edwards Plateau in Texas. That makes it likely that the red ocher found at archaeological sites throughout the American midcontinent came from the Powars II quarry.

“Beyond its status as a quarry, the Powars II artifact assemblage is itself one of the densest and most diverse of any thus far discovered in the early Paleoindian record of the Americas,” Pelton said.

The researcher and his colleagues said the evidence discovered so far indicates the quarry was used in two primary periods. During the first, dating to as long as 12,840 years ago and lasting several hundred years, people not only quarried red ocher—using bones and antlers as tools—but also produced and repaired weapons, along with other activities. After a hiatus of a century or more, the site was occupied by humans who mined red ocher and deposited artifacts in piles in a quarry pit.

“Further excavation of the estimated 800-square-meter remainder of the site will certainly reveal complexity not captured by our sample,” the scientists said.

Fonte: Mining.com

Data: 22/05/2022

MINING TECHNOLOGY

Xantippe to acquire Argentinian lithium brine tenement

Australian firm Xantippe Resources (XTC) has exercised its option to acquire the Luz Maria tenement in the Catamarca area, Argentina.

The deal forms part of Xantippe’s plan to acquire an area of at least 17,000ha within the region.

The Australian firm will pay \$2.18m to the Luz Maria owners upon exercise of the option, which will follow the signing of the definitive agreement.

Furthermore, Xantippe will pay \$10m in two separate payments to the owners, within 12 months from the signing of the agreement.

Covering an area of more than 3,383ha on Carachi Pampa salt flats near Lake Resources’ Kachi project, the Luz Maria is prospective for lithium brine deposits.

Earlier this year, Xantippe exercised its option to acquire Carolina Lithium, gaining rights to purchase all the shares of Carolina Lithium’s subsidiary Arlupo.

Arlupo holds rights to Luz Maria and three other tenements. These four tenements, which include Rita, Rita I, La Sofia, and Luz Maria, constitute the Carachi Pampa lithium project.

Xantippe managing director Richard Henning said: “Together with La Sofia, Rita and Rita I, XTC now holds almost 12,400 hectares.

“We are pleased to have acquired such high-quality projects, located next to Tier One clean lithium projects. Work is underway to obtain the necessary approvals to start exploration activities.

“Exploration will commence as soon as possible. The acquisition of Luz Maria extends our footprint in the Catamarca province in Argentina.”

Xantippe said that an exploration programme is being developed for the Luz Maria property that will focus on further exploring the high electrically conductive zone.

Fonte: Mining Technology

Data: 24/05/2022



Chinese, Australian investors battle for largest lithium deposit

Australia's AVZ Minerals Ltd. is battling to retain control of what is potentially the world's largest untapped lithium deposit amid ownership claims from Chinese investors, according to Boatman Capital.

AVZ's interest in the Manono lithium project in the Democratic Republic of Congo could fall to 36% from 75%, London-based short-seller Boatman said in a research report on Friday. That may follow its planned sale of a 24% stake this month and a flurry of lawsuits from companies, including Zijin Mining Group Co., claiming ownership, documents published by Boatman show.

“At best, AVZ faces months or years of legal fights” to block a claim by a Zijin subsidiary, Boatman said in the report. “At worst, AVZ will lose control of Manono.”

AVZ said Friday it extended the voluntary suspension of the trading of its stock on the ASX until June 1, having halted selling and buying of its shares May 9 as it waits for the Congolese government to complete its permit approvals for Manono. AVZ, with a market capitalization of about A\$2.75 billion (\$1.9 billion), had soared more than 400% over 12 months.

Congo is an important source of materials needed in the transition to clean energy. It's the world's largest producer of cobalt and holds vast deposits of lithium, both key ingredients in electric-vehicle batteries. Chinese companies have moved aggressively to secure supplies from the central African country, and now control about half of Congo's cobalt output and approximately 70% of its copper production.

In China, the world's biggest EV market, lithium prices have climbed more than 400% in the past year, stabilizing in recent months as stringent Covid restrictions weigh on manufacturing.

The Perth-based company said earlier this month it was “a matter of days” from securing its mining permit. A week later, it announced that Zijin’s Jin Cheng Mining Company Ltd. had requested arbitration at the International Chamber of Commerce in Paris to claim a 15% share of the mining project that it says it acquired from state-owned miner Cominiere last year.

Boatman published a contract that showed Jin Cheng agreed to pay \$33.4 million to Cominiere for the stake.

Zijin said in a May 9 statement that it had followed the law and complied with the joint venture agreement for the Manono project. “Zijin Mining will actively protect its legitimate rights and interests, and continue to address future issues through litigation and arbitration,” it said.

AVZ and Zijin did not immediately respond to separate requests for comment on Friday.

‘Meritless agreement’

AVZ said the agreement is “meritless” because it has the right to preempt any share sale by Cominiere, which currently holds 25% of the project. The company says it is in “advanced discussions” with the government to acquire the 15% itself.

Congo’s Mines Minister Antoinette N’Samba Kalambayi and Cominiere’s Managing Director Athanase Mwamba Misao didn’t immediately respond to separate messages requesting comment Friday.

AVZ is already set to sell a 24% stake in the project to Chinese battery maker Suzhou CATH Energy Technologies at the end of this month for a \$240 million investment. That’s about five times the value per share in the Cominiere-Jin Cheng agreement.

The dispute with Zijin isn’t AVZ’s only shareholder battle over the ownership of the lithium deposits. Last year, the company said it paid Dathomir Mining Resources Sarl \$20 million for a 15% stake in the project, bringing its total shareholding to 75%. Now the company, owned by longtime Chinese investor in Congo, Cong Maohuai, has sued in Congo to annul the deal. AVZ’s subsidiary is appealing.

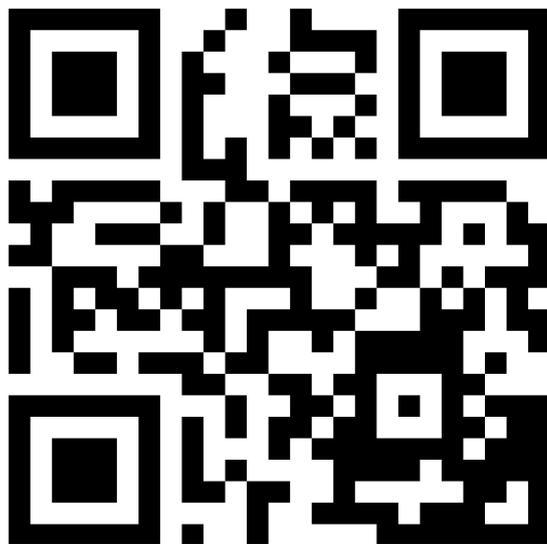
Cong did not immediately respond to an email requesting comment Friday.

The project is planned to develop the first lithium mine in Congo. Cong’s company, Societe de Gestion Routiere du Congo, is managing the rehabilitation of a 290 mile-long export route from Manono at a cost of about \$285 million, according to AVZ.

Fonte: Mining.com

Data: 23/05/2022

Nossos Contatos



contato@adimb.org.br



(61) 3326-0759



//company/agencia-para-o-desenv-do-setor-mineral-brasileiro/



adimb_oficial

Sede

Centro Empresarial Liberty
Mall Torre A, Sala 505
SCN Q.02 Bloco D
CEP : 70712903
Brasília/DF



ADIMB
Agência para o Desenvolvimento e
Inovação do Setor Mineral Brasileiro